



UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA  
CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS E AGRÁRIAS-CCHA  
DEPARTAMENTO DE LETRAS E HUMANIDADES-DLH  
CURSO: LICENCIATURA PLENA EM LETRAS

**A IDENTIDADE DE UM POVO NA VOZ DE UM POETA**

ÁQUILA SARTORI MESQUITA

**Catolé do Rocha – PB  
2014**

ÁQUILA SARTORI MESQUITA

**A IDENTIDADE DE UM POVO NA VOZ DE UM POETA**

Monografia apresentada ao Departamento de Letras e Humanidades da Universidade Estadual da Paraíba – CAMPUS IV, como requisito para conclusão do curso de Licenciatura Plena em Letras.

Orientadora: Prof<sup>a</sup> Ma. Ariane Benício

**Catolé do Rocha – PB  
2014**

É expressamente proibida a comercialização deste documento, tanto na forma impressa como eletrônica. Sua reprodução total ou parcial é permitida exclusivamente para fins acadêmicos e científicos, desde que na reprodução figure a identificação do autor, título, instituição e ano da dissertação.

M578i Mesquita, Áquila Sartori.

A identidade de um povo na voz de um poeta [manuscrito] : /

Áquila Sartori Mesquita. - 2014.

46 p.

Digitado.

Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Letras) -  
Universidade Estadual da Paraíba, Centro de Ciências Humanas  
e Agrárias, 2014.

"Orientação: Profa. Ma. Ariane Kércia Benicio de Sá  
Barreto, Departamento de Letras e Humanidades".

1. Patativa. 2. Cultura Popular. 3. Identidade. 4. Memória. I.  
Título.

21. ed. CDD 306

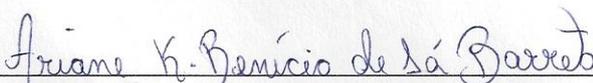
ÁQUILA SARTORI MESQUITA

**A IDENTIDADE DE UM POVO NA VOZ DE UM POETA**

Monografia apresentada como requisito de conclusão do curso de Letras da Universidade Estadual da Paraíba – UEPB.

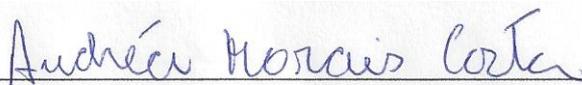
Aprovado em 22/ 07/ 2014.

Banca Examinadora



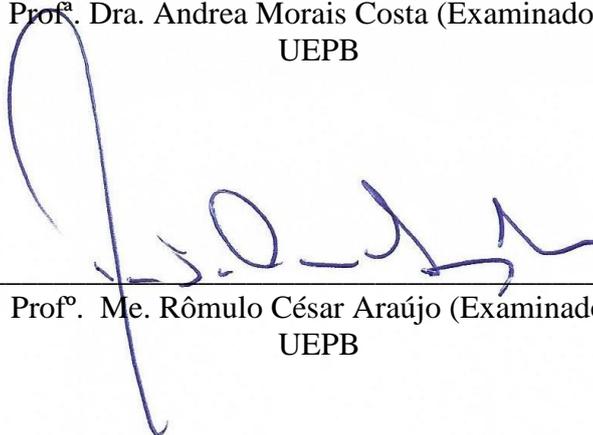
---

Prof.<sup>ª</sup> Ma. Ariane Kércia Benício de Sá Barreto (Orientadora)  
UEPB



---

Prof.<sup>ª</sup> Dra. Andrea Moraes Costa (Examinadora)  
UEPB



---

Prof.<sup>º</sup> Me. Rômulo César Araújo (Examinador)  
UEPB

Catolé do Rocha - PB

2014

## **DEDICATÓRIA**

Dedico à minha família que sempre esteve ao meu lado, me ajudando a pensar mais além e me incentivando a sonhar.

## AGRADECIMENTOS

Agradeço primeiramente a Deus por toda sua demonstração de amor e carinho para comigo, me dando forças para alcançar meus objetivos em meio a tantos obstáculos, que por sinal me ensinaram a ser mais resistente. Presenteou-me com grandes pessoas que nem imaginava que um dia poderiam estar ao meu lado.

Agradeço a minha linda família, que sempre esteve comigo em toda a caminhada. São todos eles que me motivam e me fazem acreditar que tudo é possível quando se sonha. À minha mãe e pai que são espelho para minha vida, me ajudam a ter esperança e mostram um mundo de escolhas e capacidade. A meus irmãos, Rílari e Ramon, que me ajudaram em tudo que precisei, dando-me forças e me preenchendo com todo carinho, cuidado e alegria. A meus tios e avós que mesmo distantes me passam a confiança que preciso para seguir minha caminhada. Obrigada por me trazerem a paz e equilíbrio que tanto necessito. Amo todos vocês.

A meus amigos e colegas, quero dar meu muito obrigada, em especial, Andreza, Andréa e Jesana, por compartilharem experiências, amizade e cumplicidade.

A Henrique, pessoa com quem amo partilhar a vida. Com você tenho me sentido mais viva de verdade. Obrigada pelo carinho, a paciência e por sua capacidade de me trazer paz na correria final de escrita do meu trabalho.

Agradeço de coração a minha professora Ariane Benício, por seus ensinamentos, paciência e confiança ao longo do período de orientação. É um prazer ser orientanda de uma grande educadora.

A todos que sempre estiveram ao meu lado e ao meu redor, todos vocês fizeram valer cada minuto de luta a favor de meus sonhos e conquistas.

## RESUMO

O presente trabalho objetiva analisar na poética de Patativa do Assaré aspectos que constituem a identidade e a memória cultural nordestina. Nos poemas “Caboclo Roceiro”, “O inferno, o purgatório e o paraíso” e “O maió ladrão”, escolhidos como *corpus* da pesquisa, Antônio Gonçalves da Silva, assim batizado, revela sob a vocação de mensageiro os símbolos constitutivos da identidade de seu povo. As características culturais que perpetuam a memória do popular sertanejo tomam pela voz do poeta notoriedade e importância, efetivando-o como seu legítimo representante. Seus textos descrevem o cenário social sertanejo através de elementos como solidariedade, simplicidade e religiosidade. Tais elementos são investigados aqui com base nas discussões que proporcionam os estudos de Xidieh (1993) e Ayala (2003) considerando na memória da tradição de um povo um espaço de valorização, preservação e compreensão da cultura popular. As problemáticas que permeiam a compreensão do complexo processo da constituição da identidade serão discutidas com base nas reflexões teóricas de Hall (2005) e Bauman (2005) que pensam a identidade em transformação na pós-modernidade.

**Palavras-chave:** Patativa; Cultura Popular; Identidade; Memória.

## ABSTRACT

This paper aims to analyze the poetics of Bakewell Patativa aspects that constitute the identity and northeastern cultural memory. In the poems "Caboclo hick", "Hell, Purgatory and Paradise" and "The Thief bathing suit", chosen as the research corpus, Antonio Gonçalves da Silva, thus baptized, revealed under the vocation messenger constituent symbols of identity his people. Cultural characteristics that perpetuate the memory of the popular backcountry take the poet's fame and importance voice, effecting him as their legitimate representative. His texts describe the backcountry social scene through elements such as solidarity, simplicity and piety. Such elements are investigated here based on the discussions that provide studies Xidieh (1993) and Ayala (2003) recital in memory of the tradition of a people a space recovery, preservation and understanding of popular culture. The issues that permeate the understanding of the complex process of identity formation are discussed based on theoretical reflections of Hall (2005) and Bauman (2005) who consider the identity transformation in postmodernity.

**Keywords:** Patativa; Popular Culture; identity; Memory.

## SUMÁRIO

<b>INTRODUÇÃO .....</b>	<b>7</b>
<b>1 IDENTIDADE: CONCEITOS E DEFINIÇÕES.....</b>	<b>9</b>
1.1 A Identidade pós-moderna .....	9
1.2 Identidade Cultural e cultura popular .....	11
<b>2. A ORALIDADE E O CORDEL: O DISCURSO DA TRADIÇÃO .....</b>	<b>18</b>
2.1 Estereótipos do Nordeste.....	21
2.2 Patativa do Assaré: Uma representação da cultura popular .....	23
<b>3. A MENTE DO POETA EM DEFESA E MEMÓRIA DE SUAS RAÍZES.....</b>	<b>28</b>
<b>CONSIDERAÇÕES FINAIS .....</b>	<b>37</b>
<b>REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....</b>	<b>39</b>
<b>ANEXOS.....</b>	<b>41</b>

## INTRODUÇÃO

A identificação do indivíduo defronta a multiplicidade e heterogeneidade da identidade cultural de seu povo. São as variedades de símbolos, crenças, produções artísticas e oralidade que dão sentido e identificam as coletividades e os grupos sociais sob seu modo de agir e pensar. Compreendendo cultura como aquilo que somos e adquirimos com o passar do tempo, através dos conhecimentos adquiridos dentro de uma coletividade de convívio social, pode-se afirmar que a cultura é elemento formador e definidor de cada indivíduo. Nessa perspectiva, a compreensão da identidade torna-se indissociável a compreensão da própria cultura.

No presente trabalho discute-se a identidade nas perspectivas individual e coletiva como reflexão necessária aos conceitos de cultura popular. De acordo com Xidieh (1993) e Ayala (2006) a cultura popular está em constante atualização por meio da representação da tradição nas literaturas oral e escrita. Xidieh (1993) afirma que mesmo com a globalização acelerada os grupos pertencentes a uma cultura popular resistem às imposições da cultura de massa. Resistem através de práticas diárias e cotidianas tradicionais como, as histórias contadas durante as noites em calçadas que propagam as narrativas de geração em geração. Dessas práticas deriva a literatura oral, principal meio de expressão e propagação da voz anônima do povo.

Aqui, no entanto, o anonimato assume forma na figura de Patativa do Assaré, poeta nascido no Ceará em Serra de Santana, representante assíduo da literatura oral e popular nordestina que se destaca por fazer uso das palavras para exaltar seu mundo e a natureza ao seu redor. Sua obra é um composto de histórias que contam sua vida e a vida de seu povo num retrato notável do cotidiano e das marcas culturais.

Assumindo o papel de porta voz dos sentimentos do sertanejo, Patativa faz transparecer traços constitutivos da identidade nordestina através de textos como “Caboclo Roceiro”, “O inferno, o purgatório e o paraíso” e “O maió ladrão”, escolhidos como *corpus* desta pesquisa. Considerando isso, se estabelece como objetivo geral: Analisar na poética de Patativa do Assaré aspectos que constituem a identidade e a memória cultural nordestina.

Segundo Hall (2003), a identidade varia dependendo do contexto ao qual o indivíduo está inserido em suas relações sociais. Assim, seguindo a concepção dos estudos culturais contemporâneos, faz-se necessário distinguir as simbologias representativas da identidade

constituída pelas marcas culturais populares dos estereótipos criados a partir de prévios conhecimentos de uma região ou cultura que formam a partir das representações simbólicas uma impressão equivocada da realidade.

As narrativas de Patativa, no entanto, relatam a identidade com base na realidade própria das vivências de seu povo. As imagens do povo vão sendo desenhadas sob a exaltação e a crítica; e os extremos como dor e alegria, vitórias e desastres são descritos de maneira simples e direta. A identidade cultural nesta perspectiva é desmistificada, pois ao mesmo tempo em que critica as discrepâncias sociais de sua terra, o poeta enaltece a cultura e a natureza dessa mesma terra.

Nesse viés, o presente trabalho organizado em três capítulos que se completam, direciona o olhar aos textos de Patativa como meio de expressão da memória cultural nordestina e como espaço recriador de identidades. O primeiro capítulo aborda a abrangência dos conceitos de identidade, utilizando como base teórica Stuart Hall (2005), Bauman (2005), entre outros. O segundo capítulo traz a reflexão sobre a importância das práticas culturais e da memória de um povo reveladas pela oralidade e literatura popular, apresenta também a figura do poeta Patativa do Assaré quanto a sua atuação e representação na cultura popular nordestina. Como principal base teórica o capítulo apoia-se nos estudos de Ayala (2003), Canclini (2006), Xidieh (1993) e outros, para a compreensão da cultura popular; e Candido (1972) e Cascudo (2006), para a compreensão da literatura popular oral e escrita. Já no último capítulo, inserem-se as análises das três obras supracitadas como espaço revelador das memórias e identidades culturais características do povo nordestino.

# 1 IDENTIDADE: CONCEITOS E DEFINIÇÕES

## 1.1 A Identidade pós-moderna

Os indivíduos são identificados de acordo com o convívio com outros sujeitos e pelas marcas culturais produzidas por esse convívio. Essa identificação pode ser chamada de identidade, em que cada pessoa inconscientemente une sua própria personalidade com as influências do meio onde vive. Considerando a multiplicidade e mutabilidade dos aspectos culturais, surgem variadas definições sobre essa identidade que todo sujeito possui.

Sobre a questão da identidade, definida por Hall (2005, p.8) como um assunto “extremamente complexo”, recai a preocupação e dificuldade em relacionar a identificação do homem com seu espaço de convívio. As primeiras definições de identidade consideravam importante saber apenas o território a qual o sujeito se encontrava. Sabendo, teria a convicção de que identidade pertencia, pensando no homem como “produto do meio”. Com a evolução das “identidades”, no passar dos séculos, chega-se a uma discussão mais ampla e complexa sobre o assunto. Estamos em um processo de transformação nas sociedades modernas. Vejamos o que Hall nos diz sobre essas mudanças:

Um tipo diferente de mudança estrutural está transformando as sociedades modernas no final do século XX. Isso está fragmentando as paisagens culturais de classes, gênero, sexualidade, etnia, raça e nacionalidade, que no passado, nos tinham fornecido sólidas localizações como indivíduos sociais. (HALL, p. 9)

Bauman (2005) também consegue vê essa “grande transformação”, no decorrer dos tempos se tratando de identidades, afetando produções culturais, vida cotidiana, relações sociais entre outros.

Para facilitar o entendimento dessa evolução do sujeito social, é importante saber quais foram os períodos que antecederam a modernidade em que estamos inseridos. A primeira fase de identidade, basicamente no início da formação das primeiras sociedades, conceitua o homem baseado em um ser completo, já formado, carregado de características únicas desde seu nascimento até a sua morte. Na segunda fase, o sujeito social era caracterizado como produto do meio ou até mesmo um ser refletido pelo convívio social e

lugar a que pertence. Esse sujeito transforma sua identidade em algo objetivo partindo de seu mundo social e cultural. De acordo com essa visão:

O sujeito ainda tem um núcleo ou essência interior que é o “eu real”, mas este é formado e modificado num diálogo contínuo com os mundos culturais “exteriores” e as identidades que esse mundo oferece. (HALL, 2005, p.11)

Já na terceira fase, uma identidade produzida na pós-modernidade, torna o sujeito desmistificado e fragmentado, composto de ideais completamente heterogêneos, em que não se estabelece uma identidade fixa, mas sim flexível e facilmente transformada em decorrência de mudanças sociais, históricas e temporais. A identidade do sujeito na pós-modernidade é então constituinte de formação do “eu” com a globalização em movimento, em que há ainda mudanças radicais e irreversíveis. Essas mudanças na identidade social, segundo Bauman (2005), vêm em resposta a “modernidade líquida”, não como sendo algo conceitual nem mesmo unificada, mas que permanece em movimento. Não significando dizer que seria uma identidade pronta, mas sim uma identidade flexível no ambiente social.

Com a globalização surge o novo Estado e com ele as mudanças em cada sujeito. Um exemplo para melhor compreensão e identificação da transformação conseguinte da pós-modernidade, foi a evolução do deslocamento nacional por meio de transportes, que se tornou favorável a uma rápida expansão territorial e desenvolvimento das regiões que antes teriam difícil acesso, gerando assim uma multiplicidade de identidade sociais.

Atualmente, na sociedade pós-moderna, participamos de variadas transformações, principalmente com relação às interações sociais. A identidade do indivíduo não pode ser considerada em algo fixo ou esclarecido, e sim, segundo Hall (2005), pensar a identidade como algo em formação durante todo o tempo de vida, em constante mudança e adaptação. Continua Hall (2005) dizendo que a causa dessa transformação contínua, advém também da descentralização do sujeito, uma consequência dos efeitos surgidos a partir da interação com outros indivíduos com culturas diferentes, etnias e origens.

Dessa forma, quando falamos em sujeitos na era da pós-modernidade pensamos em identidades infixas, variáveis e líquidas. E para apresentar outro causador da transformação da identidade do sujeito na pós-modernidade, tem-se como exemplo, o que hoje tornou-se um meio acessível em toda parte do mundo, a internet, usada para uma comunicação interativa mais simplificada, rápida e eficiente, estreitando o envolvimento mútuo entre as pessoas de

diferentes localidades e culturas. Segundo Bauman (2005), a rede mundial de computadores, nos leva a uma facilidade de acesso a qualquer desejo de pesquisa, melhorando as oportunidades de evolução social. Mas essa facilidade acaba com as relações interpessoais fazendo com que, sem perceber, haja uma abrangente e contínua mudança nas identidades, característica da modernidade líquida. A complexidade da vida moderna exige que assumamos diferentes identidades, o que gera grandes conflitos.

Com isso, percebe-se que esse processo de transformação da identidade social partindo da globalização, tem uma característica fragmentada e descontinuada, com seus pontos positivos pela evolução, mas com ênfase em uma situação plural de culturas, gêneros e sociedades. Conforme Hall:

A sociedade não é, como os sociólogos pensaram muitas vezes, um todo unificado e bem delimitado, uma totalidade, produzindo-se através de mudanças evolucionárias a partir de si mesma, como o desenvolvimento de uma flor a partir de seu bulbo. Ela está constantemente sendo “desconcentrada” por forças fora de si mesma. (HALL, p.17)

Essa instabilidade da identidade plural está ligada a necessidade do sujeito na sociedade. Percebe-se que essa questão da identidade basicamente surge após a globalização acelerada. Um estudo que não se restringe a conceitos fechados e certamente não cessarão por agora.

## **1.2 Identidade Cultural e cultura popular**

Vimos que a identidade no passar do tempo, com a chegada da globalização, acarretou grandes mudanças no sentido de identidade e sociedade. Um povo que antes se caracterizava por ser mais conservador pela falta de interação com outras culturas ou indivíduos diferentes, hoje na era da pós-modernidade, esse período unificado se transformou por completo. Presencia-se uma série de conceitos à nossa identidade, o que antes era centrado e único, atualmente é fragmentado e diversificado.

Partindo dessas afirmações sobre identidade na pós-modernidade, veremos algo que se modifica por completo gerando novas vias, a descoberta das identidades culturais. Segundo Hall (2005, p. 50-51),

As culturas nacionais são compostas não apenas de instituições culturais, mas também de símbolos e representações. Uma cultura nacional é um discurso – um modo de construir sentidos que influencia e organiza tanto nossas ações quanto a concepção que temos de nós mesmos [...] As culturas nacionais, ao produzir sentidos sobre “a nação”, sentidos com os quais podemos nos identificar, constroem identidades. Esses sentidos estão contidos nas histórias que são contadas sobre a nação, memórias que conectam seu presente com seu passado e imagens que dela são construídas.

Com essa citação entendemos claramente que identidade cultural é então uma característica viva da transformação social dos últimos tempos. Carrega sentidos regionais e locais a partir do convívio dos indivíduos e até mesmo na contação de histórias formando as identidades culturais.

Para a compreensão de identidade cultural separaremos primeiramente o que seria identidade, que entendemos anteriormente, não por conceitos, mas por características individuais e plurais dentro da sociedade. Depois, o que seria cultura, que por Eagleton (2005, p.55), seria “o complexo de valores, costumes, crenças e práticas que constituem o modo de vida de um grupo específico”. Percebemos então que identidade e cultura estão intrinsecamente ligadas.

A cultura é um processo constante acumulado de conhecimentos e práticas dentro da interação social. Esse processo permeia pela fala e ações dos indivíduos constituintes de uma sociedade, permitindo que a cultura seja transmitida e propagada entre as gerações dessa sociedade. Então, entendemos que a cultura de um povo organiza-se e define-se a partir do indivíduo, sendo cada um o criador dessa cultura. Portanto, todo ser é dotado de uma cultura, em que possa também adaptar-se a possíveis mudanças.

A cultura é então, aquilo que somos e adquirimos no passar dos tempos, uma apreensão de conhecimentos dentro de uma coletividade do convívio social. As crenças e valores de uma localidade definem a que cultura pertence cada indivíduo. Segundo Eagleton (2005) a memória também faz a cultura ter sua identificação.

Canclini (2005) conceitua cultura também, como sendo um processo de transformação constante. Segundo ele, todas as culturas possuem características próprias e intrínsecas, podendo ser totalmente diferente das demais vistas, mas respeitadas como uma variedade apenas.

Essa aliança da identidade e cultura nos acompanha, enquanto seres sociais, desde que nascemos. Ambas com características plurais que nos constituem e à sociedade em geral. Os

conhecimentos e a dinâmica social que são adquiridos cotidianamente, fazem com que a cultura e a identidade se transformem ininterruptamente.

A identidade cultural é entendida para Hall como uma identidade nacional, nascemos com ela, mas são transformadas no interior da representação. A identidade nacional é carregada de significados, “uma nação não é apenas uma entidade política mas algo que produz sentidos – um sistema de representação cultural” (HALL, 2005, p. 49). São as experiências vividas em cada localidade que forma a identidade de um povo.

A identidade cultural é identificada a partir de padrões de conversação, crenças seguidas como linhagem de antepassados, costumes e hábitos diários advindos de gerações familiares, sistemas educacionais religiosos, entre outros. São as identificações de cada povo ou cultura local. As pessoas da sociedade fazem e formam a ideia de nação e são as representantes em sua cultura nacional.

As culturas nacionais, ao produzir sentido sobre “a nação”, sentidos com os quais podemos nos identificar, constroem identidades. Esses sentidos estão contidos nas histórias que são contadas sobre a nação, memórias que conectam seu presente com seu passado e imagens que dela são construídas. (HALL, 2005, p. 51)

A identidade cultural de um povo é constituída por símbolos e representações locais, construído de sentidos advindos principalmente do “discurso” dentro das comunidades. O que diferencia as localidades são as formas de como são contadas as experiências em cada região, as narrativas e até mesmo mitos de determinados locais, que fazem as identidades culturais de um povo. Como por exemplo, o que faz o Nordeste ter uma identidade cultural diferente da região Centro-Oeste do país são os costumes, histórias e memórias locais, isso que representa uma identidade cultural, “a narrativa da nação, tal como é contada e recontada nas histórias” (HALL, 2005, p.52).

Hall seleciona aspectos que caracterizam elementos significativos dessas representações que fazem da cultura nacional, diferenciada. Em primeiro lugar seria a “narrativa da nação”, a história contada nas literaturas e outras formas de propagação, fornecendo variados tipos de histórias a partir das representações, como cenários, imagens, experiências vividas em vitórias e derrotas, tudo isso fornecendo sentido à nação. As histórias contadas sobre Lampião no sertão nordestino servem como exemplo dessa divulgação e identificação cultural.

Hall vê outro aspecto que caracteriza a identidade cultural, a tradição de um povo, demonstrando a origem dos indivíduos. Essa tradição apresenta-se com diferentes práticas no contexto social, como os rituais e cerimoniais públicos carregados de simbologias e valores vindos da história local.

Um quarto exemplo de narrativa da cultura nacional é a do mito fundacional: uma estória que localiza a origem da nação, do povo e de seu caráter nacional num passado tão distante que eles se perdem nas brumas do tempo, não do tempo “real”, mas de um tempo “mítico”. (HALL, 2005, p. 54-55)

A identidade cultural de um povo é também uma identidade diversificada, por consequência das misturas de um povo, origens de diferentes locais, costumes e histórias, fazendo com que essa identidade cultural moderna seja constantemente transformada. A identidade cultural constrói também formas próprias de conservação, como Hall (2005) afirma, a identificação de um povo se equilibra no tempo, de uma forma que venha trazer valores do passado ao presente, na tentativa de reintegrar às culturas transformadas na atualidade.

Quando se fala sobre identidade cultural na pós-modernidade, pensamos em algo heterogêneo, pelo que apresentamos até agora, uma diversidade simbólica em cada indivíduo. Ser de uma mesma comunidade não significa dizer ser “um único povo”. “As nações modernas são, todas, híbridos culturais”, (HALL, 2005, p. 62), isto é, não há como unificar as identidades de um povo, pois as culturas estão se deslocando e se modificando no decorrer dos anos, sendo constantemente transformadas.

Falar em identidades na pós-modernidade leva ao caminho de estudos da cultura popular, uma definição também complexa e extensa. Cultura popular é um tema com diversas visões defendidas por estudiosos, mas pode ser considerada em sua noção geral como a preservação da memória de um povo. A cultura popular surge de costumes transmitidos de geração a geração, principalmente na forma oral.

Dentro do conceito de cultura popular, estudiosos defendem como algo no sentido folclórico, sendo um fazer estanque, visto como passado, não estando no meio social, mas apenas na tradição classificada como coleção de objetos e movimentos culturais, visto em livros didáticos.

Para Alfredo Bosi (1992), haveria tipos de culturas na sociedade brasileira, uma cultura universitária ou erudita, que faz parte de uma elite social, um conhecimento

proveniente de pesquisas científicas e instrução superior (livros, museu, críticos da arte); o outro tipo de cultura seria a popular, no sentido folclórico da palavra. Mas além dessas, o capitalismo ou até mesmo a globalização fez com que surgisse uma cultura de consumo, que seria influência para o enfraquecimento da cultura popular. Bosi continua a dizer que, através de meios de comunicação, como a televisão, que é veiculado os valores chamados por ele de “indústria cultural” para o aumento da cultura de massa, uma cultura para aqueles que apenas recebem conteúdos, sem participação.

Xidieh (1993) afirma que “apesar, enfim, da imposição de formulas civilizadas e urbanizadas de vida sócio-cultural aos grupos rústicos, estes resistem, e a sua cultura encontra meios de permanecer”. Vê-se então, que há um confronto da cultura de massa ou globalização, com a cultura popular, pois na era da pós-modernidade modifica-se as formas de interação no meio social, muitas vezes transformando o que antes era puro em algo reelaborado culturalmente. Como por exemplo, as festas tradicionais da região nordestina sendo adaptadas com outros ritmos musicais e dançantes. Esse constante movimento de transformação que revela a persistência e imortalidade dessa cultura popular, mostrando que o popular dentro da cultura é “sempre um mundo de gente” (AYALA, 2003), recebendo e fazendo acontecer.

Ayala estudou mais a fundo a cultura ao perceber que a existência da cultura popular mudava junto com as relações sociais e descobriu:

[...] nas diferentes manifestações populares, diversas maneiras de fazer literatura. Os versos cantados não eram exatamente os mesmos. Modificavam-se. Alteravam-se os versos, os cantadores, os dançadores, mas, de uma forma ou de outra, cumpriam o seu papel, estavam sempre lá, no meio da rua, das praças, nos dias de feira, nos dias de festas. Era um fazer dentro da vida. (AYALA, 2003, p. 92)

Com essa percepção vê-se que a cultura popular está em movimento e acontecendo nos interiores do país e com uma participação mais ativa entre pessoas mais enraizadas ao seu tradicionalismo cultural. Os estudos teóricos não conseguem conceituar com perfeição a complexidade da cultura popular, por ser um universo extenso de manifestações e práticas culturais. A cultura popular sendo “um fazer dentro da vida” (AYALA, 2003), define-se apenas por provas dos próprios participantes dessa cultura, que são aqueles poetas não tão reconhecidos, mas que cantam com perfeição o que se passa em sua comunidade, alegrias, tragédias e acontecimentos tanto atuais quanto memoráveis para a região. Xidieh também se

detém a dizer que não teria como essa riqueza de cultura popular nas regiões morrerem, mas transformam-se e adaptam-se:

Poderíamos acrescentar, ademais, que toda essa inconsistência, derivada seguramente do fluxo da cultura popular, vai mais além e que há as lendas que acabam resultando em ditados e enunciados de advertência, práticas mágico-religiosas que se entrosam nos contos através da ação dos personagens, orações secularizadas a transformarem-se em relatos de todos os tipos e simpatias e ensalmos tomando a forma de adivinhas. (XIDIEH, 1993, p.28)

Partindo desse pensamento, tem-se então a ideia que a cultura popular não é feita por pessoas da alta sociedade apenas, mas sim, na maior parte do tempo, por pessoas iletradas ou semi-letradas. As práticas culturais são as narrativas e histórias contadas em calçadas, cantadores repentistas na improvisação em apresentações em praças, rezas e crenças, entre outros. Esses são os fazeres nas regiões sertanejas que resistem ao desaparecimento da cultura popular.

A literatura popular também atua como forma de resistência ante a fragmentação e desvalorização da cultura, que através da forma escrita, como romances, cordéis e poesias, apresentam-se histórias do sertão partindo das vivências e provas sobre acontecimentos.

As ideologias modernizadoras, do liberalismo do século passado ao desenvolvimentismo, acentuaram essa compartimentação maniqueísta ao imaginar que a modernização acabaria com as formas de produção, crenças e os bens tradicionais. Os mitos seriam substituídos pelo conhecimento científico, o artesanato pela expansão da indústria, os livros pelos meios audiovisuais de comunicação.

Hoje existe uma visão mais complexa sobre as relações entre tradição e modernidade. O culto tradicional não é apagado pela industrialização dos bens simbólicos. (CANCLINI, 1989, p. 21-22)

Conclui-se que a cultura popular por causa da globalização e capitalismo acelerado pode transformar-se, mas nunca desaparecer, por ser “um fazer dentro da vida” (AYALA, 2003) e estar em constante movimento, nas regiões sertanejas do país, ainda propagada por pessoas que vivem a cultura em seu dia-a-dia. Mesmo após as novelas televisivas, ainda encontram-se pessoas em calçadas utilizando da narrativa para troca de experiências de base comunitária. Utiliza-se a literatura popular para representar manifestações culturais em

diversos gêneros. Tudo isso faz com que se conserve a cultura popular na sociedade da pós-modernidade.

## 2. A ORALIDADE E O CORDEL: O DISCURSO DA TRADIÇÃO

Diante das características da cultura popular, percebe-se a influência do povo sertanejo na busca pela conservação, por meio de troca de experiências entre a comunidade ou até mesmo vozes de grandes representantes da literatura popular, que cantam e escrevem memórias tradicionais, resistindo à possíveis enfraquecimentos do popular. Tais enfraquecimentos causados pela transformação da sociedade em decorrência a pós-modernidade ou globalização acelerada.

Dentre tantos representantes populares, a poesia de Patativa do Assaré, nome artístico de Antônio Gonçalves da Silva, se insere a uma tradição popular nordestina. Toda sua vida, que ele mesmo chamava de “missão” por se pautar em um fiel comprometimento com seu povo, apresenta características de uma rica cultura popular. Prova disso são as narrativas sobre sua trajetória, o convívio com seu povo, a religiosidade arraigada à sua moral apreendida de geração a geração. A partir disso, identifica-se outra característica referente à tradição popular, a oralidade em suas poesias.

Segundo Feitosa (2003), a oralidade não é apenas aquilo que é pronunciado ou dito usando como instrumento, a voz. Vai além disso, o oral presente na literatura acompanha significados e completa sentidos. Para Feitosa (2003, p. 189) a “oralidade implica processo e não algo acabado”, assim, significa dizer que o oral na prática literária é importante para ter o sentido completo daquilo que se diz, completando a comunicação.

Na poesia de Patativa do Assaré essa oralidade é bem presente e característica, pois seus versos pertencem a voz evocada por ele. O oral em Patativa é ligado diretamente a sua poesia escrita, conseguindo, durante a leitura, dar voz e ritmo às letras. Dessa forma, vê-se que a oralidade em Patativa transmite aquilo que ele deseja através de códigos na escrita. Sobre essa oralidade, Feitosa (2003, p.191) diz:

Muitos dos versos de Patativa, transportados para a escrita, são como oralizados, porque funcionam como vozes que trazem consigo um desejo de serem vocalizados. Claro que também a escrita e toda a linguagem aí constituída, e toda a sua riqueza simbólica, também comporta essa potencialidade oral. O que se diferencia nas poesias orais e em quase todos os poemas de Patativa é uma espécie de grito, alguns ais vocalizados e um ritmo que indicia voz, canto, gesto, movimentos corporal e vocal, performance. A poesia de Patativa foi feita para ser ouvida. É por isso que a sua escrita não lhe prende apenas se lhe oferece como leito, onde ela deve repousar para se garantir como memória recuperável.

Para Ayala (2003), a oralidade usada na escrita dos que participam da cultura popular, serve como um poderoso instrumento para guardar o oral do esquecimento. A escrita conserva a oralidade. Nesse aspecto, pode se dizer que a cultura popular está também presente na oralidade escrita de Patativa. O poeta faz muito bem o seu texto “falar”, reescreve a oralidade e consegue manter viva, para todos que o leem, a tradição oral que um dia lhe foi concedida. Por esse motivo, há uma aproximação muito grande durante a leitura de Patativa, como foi recitada pelo próprio poeta, pois tem um ritmo nas letras propositalmente colocado por ele.

O popular para Canclini (2006) é algo que não costuma estar estante simplesmente para apreciação, está em constantes manifestações que muitas vezes pode parecer invisível, mas quando esse popular de uma forma ou de outra aparece, vem com o objetivo de atestar o que é necessário para o povo ou declarar reivindicação. Isso acontece de variadas formas, e o exemplo mais comumente é a linguagem escrita.

A literatura de cordel pode ser considerada como uma das maiores expressões da cultura popular brasileira na forma escrita, pois retrata em versos antigas histórias, origens e tradições, usando a literatura como transmissão da cultura de um povo. O cordel, gênero literário que teve seu início na tradição ibérica durante o Renascimento, uma espécie de poesia popular cantada e executada pelos trovadores. No passar dos tempos chega ao Brasil através da influência de Portugal e repercute no país até os dias de hoje. Dá-se o nome pelo fato de tradicionalmente os folhetos de cordel serem antes expostos em feiras para venda em barbantes.

Hoje os cordéis no Brasil são tidos como fonte de pesquisa e são provas de que há ainda uma cultura popular arraigada à tradição oral. Os estilos de literatura escrita em cordel são poesias para transmissão e descrição de acontecimentos de um povo, memórias populares e contação de histórias. Os cordéis serviam de instrumento para divulgação da poesia, lidos pelos próprios autores em praças, festas ou feiras, ou lidos em calçadas por pessoas que compravam esses livretos. Com isso, o cordel serviu como instrumento de propagação da literatura popular. Com o tempo, os registros de textos em cordéis ficaram conhecidos e se expandiram por ambientes mais eruditos. Segundo Cascudo (2006), a literatura popular contém características que conserva a real tradição através de manifestações culturais.

A literatura oral, como foi visto, mantém sua essência nas práticas culturais e também na forma escrita. Feitosa (2003, p. 191) diz que, “o oral que inaugura e sustenta a escrita é visto – ao longo e ao final da tradição da escrita, que sustenta e justifica todo o processo

civilizatório – como inconsciente. Aceita-se a ideia de que o mundo só existe a partir da escrita”. Dessa forma, percebe-se a importância e a significância da literatura oral conservada na escrita para vocacionar a poesia.

O cordel tem uma característica em comum quando é utilizado, mesmo sendo em épocas e locais diferentes, seus cantadores usavam as críticas sociais para mostrar as dificuldades ou sofrimentos de um povo, faziam alusão aos acontecimentos, como fome, miséria, casos acontecidos no passado e que chamaram a atenção. Então, quando se pensa em cordel na atualidade, já pensamos na região Nordeste, pelo estilo poético que ainda é conservado na região com todas essas características presentes no cordel, por cantadores, repentistas e improvisadores.

Na região Nordeste, a literatura de cordel prevaleceu e tomou forma própria, transformando-se em algo característico do sertão. Com a difusão dos fatos e causos sociais, a escolha para divulgação foi a da literatura escrita em cordel, para se prevalecer com mais originalidade a criação na forma oral, pois sabemos que o cordel tem a capacidade de transmitir, com um grau elevado de aproximação, expressões variantes ou elementos próprios daquela região ou povo. Com isso, a divulgação da memória popular foi utilizada em cordéis por grandes sertanejos, que por transmitir as experiências passadas por seu povo, conseguem reconhecimento em todo o país.

O cordel, com o passar do tempo, nas regiões de mais utilização, começou a ser um elemento para a divulgação dos fatos ocorridos, como mortes, tragédias, crimes por cangaceiros, histórias de vida de pessoas comuns e até mesmo traição. Ao serem escritos tais acontecimentos, pessoas compravam em feiras ou em outros tipos de comércio e faziam a leitura para aqueles que ainda não eram letrados. Geralmente as leituras eram feitas na comunidade, em calçadas, entre famílias e assim todos ficavam sabendo do acontecido através da arte literária em cordéis.

Na literatura cultural encontram-se formas de traduzir os acontecimentos populares, que são as formas orais e escritas. No Nordeste, segundo Ayala (2003), há uma riqueza de poetas criadores, que publicam suas obras em cordéis para dar importância às coleções de versos e logo após são cantados ou declamados para divulgação. Há então dois estilos de divulgação dessa literatura cultural, uma é a escrita em cordéis, que propaga aquilo que é criado para depois ser caracterizado na escrita, e o outro estilo seria a divulgação desses escritos em cordéis por cantadores repentistas. Geralmente esses cantadores cantam para

mostrar o que sabe no improviso, tendo desafios entre outros cantadores em apresentações públicas ou criações improvisadas a partir de assuntos do momento. Sobre os repentistas e declamadores:

Neste caso, há uma especialidade a mais: a declamação, com estratégias que mantêm os ouvidos atentos. Além de decorar os poemas, muitas vezes, longos, deve saber apresenta-los bem oralmente, dramatizando-os e dirigindo as emoções da plateia, que se comove e delira diante dos bons declamadores. O sucesso é tão grande quanto o dos poemas narrativos de folhetos e dos versos dos repentistas. (AYALA, 2003, p. 98)

Então, a literatura cultural regional tem sido bem representada por esses poetas que foram encarregados de divulgar o popular sertanejo, cantando, recitando e expondo em escritas de cordéis. Dentro da literatura de cordel vários autores se destacam, mas referente a uma característica completa do popular em sua vida e obras é importante ressaltar Patativa do Assaré, que viveu durante 93 anos presenciando a cultura popular e conseguiu, com clareza e perfeição, traduzir o cotidiano de seu povo. Reivindicou aos líderes, brincou com as palavras, fazendo lhe valer o nome artístico, um grande pássaro sonhador e realizador de sua terra. E sobre a capacidade de transmissão da cultura em forma de versos de Patativa, Feitosa (2003, p. 42) comenta: “O sertanejo atende as variadas classes sociais em sua performance poética, com objetivos específicos na transmissão, utilizando tanto de artifícios linguísticos quanto de conteúdos para esses diferentes públicos.”

A literatura de cordel não é uma tarefa fácil a ser realizada, assume responsabilidade com sua origem para transmissão dessa cultura. Os conteúdos cordelistas estão incumbidos de mostrar conteúdos ligeiramente ligados ao real de uma determinada região. Pela escrita usam-se elementos que segundo Cascudo (2006), caracteriza o espaço, a região, o tempo, a época e até mesmo as variantes linguísticas do local. Esses elementos tomam forma e são escritos e utilizados para prevalecer, caracterizar e tentar imortalizar a cultura popular.

## **2.1 Estereótipos do Nordeste**

Todo o comportamento do ser humano baseia-se naquilo que ele acredita e aprendeu durante toda sua vida, como vimos em um primeiro momento sobre identidade, somos aquilo

que o mundo faz com que sejamos. O homem aprende o que é baseado em sua realidade. Como diz Hall (2005), a identidade é a relação entre o mundo pessoal e mundo público.

A forma de conceituar o mundo nem sempre condiz com a realidade, que segundo Lippmann (1972) essa interpretação, muitas vezes equivocada, pode ser chamada de estereótipos. A realidade que se conhece, parece ser na maioria das vezes, construída pelas pessoas de outra cultura. Lippmann (1972, p. 151) diz que “na maior parte das vezes, não vemos primeiro para depois definir, mas primeiro definimos e depois vemos [...] Colhemos o que nossa cultura já definiu para nós, e tendemos a perceber o que colhemos na forma estereotipada, para nós, pela nossa cultura”.

Diante disso pode-se afirmar que se presencia esse tipo de interpretação em determinados locais ou origens do país. Formam-se conceitos sem antes haver o contato com uma cultura. Sobre os estereótipos criados no mundo moderno, Lippmann (1972, p. 156) diz:

não há tempo nem oportunidade para o conhecimento íntimo. Ao invés disso, notamos um traço que marca um tipo conhecido e enchemos o resto do quadro com os estereótipos que trazemos na cabeça. [Assim] as mais sutis e penetrantes de todas as influências são as que criam e mantêm o repertório de estereótipos. Dizem-nos tudo sobre o mundo antes que o vejamos. Imaginamos a maioria das coisas antes de experimentá-las.

As impressões estereotipadas sobre culturas ou regiões justificam-se pela divulgação equivocada, muitas vezes pela rede televisiva, negatizando o Nordeste por exemplo: uma realidade não identificada com a verdade ou até mesmo uma Linguagem e comportamento utilizando com exagero o real.

Formam-se representações simbólicas para uma atribuição de significados, com uma impressão da realidade. Quando se formam esses símbolos, são construídos pelo imaginário, em que não se comprova nem compara com o real. A representação do Nordeste muitas vezes se refere a símbolos, nem sempre condizendo com a verdadeira realidade. Segundo Lindoso (2005) esses símbolos são apresentados como imagens mentais que não são na realidade o Nordeste, mas sim o que se propaga sobre ele, como por exemplo, a seca, a terra rachada, o cactus, a pobreza, a casa de taipa etc. Muitas vezes o Nordeste é mantido em imaginário por essas construções simbólicas. Lindoso (2005, p.1) continua:

O objeto Nordeste é, através de símbolos imaginários ou não, dotado de significados e esses significados não são inoperantes, mas despertam sentimentos que impelem a ação humana e a legitimam. Os significantes de que são dotados os símbolos formam uma teia que une as construções dos estereótipos e das identidades [...] Os símbolos evocam também diferentes olhares e entendimentos diversos, pois mobiliza a subjetividade das emoções.

A autora ressalta que, nessa representação de símbolos, criam-se imagens estereotipadas do Nordeste e por consequência, também do nordestino. Segundo Bagno (2002) a formação estereotipada envolvida também com o símbolo auditivo, a fala do nordestino, pode ser vista como preconceitos linguísticos. Bagno (2002, p.43) diz que o preconceito linguístico advém do preconceito social, e completa:

É um verdadeiro acinte aos direitos humanos, por exemplo, o modo como a fala nordestina é retratada nas novelas de televisão, principalmente a Rede Globo. Todo personagem de origem nordestina é, sem exceção, um tipo grotesco, rústico, atrasado, criado para provocar o riso, o escárnio e o deboche dos demais personagens e do espectador. No plano linguístico, atores não-nordestinos expressam-se num arremedo de língua que não é falada em nenhum lugar do Brasil, muito menos no Nordeste.

Então, vê-se que o estereótipo quando é utilizado, seja negativamente ou positivamente, carrega sentidos, na maior parte das vezes, diferentes da realidade, não por criar algo que não exista e sim por aumentar e exagerar com o que ocorre na realidade. O Nordeste foi citado como exemplo, mas qualquer região ou cultura pode atrair algum estigma adotado dentro do meio social.

## **2.2 Patativa do Assaré: Uma representação da cultura popular**

Depois de perceber as características e definições das identidades culturais no meio social, vimos que ocorrem os estereótipos, desenvolvidos a partir de um prévio conhecimento do real transformando em exagero, como exemplificamos nas leituras da região Nordeste. Mas, mesmo com posicionamentos negativos das culturas nordestinas, há a resistência significativa dos próprios nordestinos, com cantos, narrativas, textos poéticos etc., fazendo com que se valorize a verdadeira cultura popular presente na região.

Entre tantos autores que exaltam o sertão nordestino, foi escolhido o cearense, poeta, cantador e improvisador Patativa do Assaré, ou nome de batismo, Antônio Gonçalves da Silva, filho de Pedro Gonçalves da Silva e Maria Pereira da Silva, para mostrar a cultura popular presente em sua vida e arte. Nascido na Serra de Santana a 18 quilômetros de Assaré, em 5 de março de 1909. Feitosa (2003, p. 7-8) fala perfeitamente do significado da renomeação de Patativa do Assaré:

“Do ninho, surgiu o pássaro. Do pássaro surgiu o canto. Do canto, surgiram as trilhas. As trilhas levaram ao mito. Encravado materialmente no chão seco da roça e, simbolicamente, nos recôncavos da Natureza, o ninho do pássaro-homem abrigou a voz, que se ofereceu a letra para daí alçar voo e buscar outras mediações simbólicas. Pássaro e homem, natureza e cultura formavam os cenários da experiência. Misto de laboratório e de teatro para as performances poéticas, o sertão se oferecia quente e móbil.

Feitosa mostra em seu livro a figura de Patativa para o nordeste e o mundo. Traça conceitos a partir de investigações e entrevistas com o artista. Até 2002, a trajetória poética de Patativa do Assaré atinge a todas as provas concretas de uma cultura popular vista apenas em estudos teóricos. Sua vida, desde seu nascimento, girava em torno da riqueza cultural nordestina. Utilizou da prática repente com improvisações em praças, feiras e festas regionais. O cordel tornou-se parte de sua caminhada de aprendizado e atuação, o início à prática da leitura entrou em sua caminhada a partir de textos consagrados da literatura brasileira, como Camões, Drummond de Andrade, Olavo Bilac, mesmo tendo uma alfabetização básica. Patativa do Assaré conseguiu com naturalidade alcançar o que Bosi chama de “popular” ao “erudito”. O poeta mostra com perfeição que é capaz fazer o que Canclini (2008) chama de cultura híbrida, em sua forma de atingir a fronteira do popular e o culto.

As atitudes de Patativa na escolha de temas para criação de suas obras seria nada arbitrário, mas sim, algo pensado e vivido por ele. Toda sua trajetória, segundo Feitosa (2003) tem uma “mensagem a comunicar”, obras feitas com objetivos de transmitir aquilo que o poeta sente e vê. O que em conceitos de cultura popular é visto, é muito bem apresentado por ele, como as narrativas populares, que vivenciava desde sua infância. Feitosa (2003, p. 49), teve o encontro com o artista e conta o que viu:

O sertão do menino Antônio tinha vida gregária sua maior característica. As famílias numerosas estão sempre próximas umas das outras e as relações são sempre muito recíprocas. O poeta conta que era comum sentar-se num canto dos alpendres ou debaixo de alguma árvore para ouvir a conversa dos adultos. Não se interessava muito pelos assuntos “de família”, preferindo as histórias e os “causos” que animavam as conversas de final de tarde e início de noite.

Vê-se a riqueza cultural presente na vida de Patativa. As sentadas em calçadas eram onde se participava das narrativas orais que enriquecia no artista as experiências por ele vividas, e que posteriormente transformava em versos. Feitosa (2003) afirma que tudo escrito e criado pelo poeta, mostra respeito às identidades de seu povo.

Patativa idealizava em suas obras poéticas o sertão nordestino. Utilizava na construção de seus versos, desde tristes realidades às riquezas presentes em seu mundo. Feitosa (2003, p.97) fala sobre a escolha de Patativa em apresentar em seus cantos os problemas e denúncias de sua terra:

Ao apresentar os problemas o que ele quer não é mostrar-se sofredor para ganhar a piedade dos outros, mas denunciar os descabros e chamar a todos para a luta pela vida digna. Ele não afronta as autoridades. Nunca o fez. O que sempre fez foi dizer a verdade.

Na literatura de Patativa ao denunciar os acontecimentos de dor e sofrimento de seu sertão, como a fome e falta de auxílio das autoridades, ele incentiva à luta e mostrar a esperança aos sertanejos. Ao declamar a piedade, não objetiva atrair olhares penosos, mas apresentar a realidade e buscar ação. Um trecho do poema “ABC do Nordeste Favelado” sobre o sertão, comprova a visão de Patativa da realidade por ele vivida: “Posso dizer que cantei/ aquilo que observei;/ tenho certeza que dei/ aprovada relação. /Tudo é tristeza e amargura,/ indignância e desventura./ — Veja, leitor, quanto é dura/ a seca no meu sertão.”

Mesmo apresentando as tristezas vistas por ele no sertão, faz também versos exaltando sua terra e ao mesmo tempo a natureza que para ele é muito bela. A evocação de seu lugar de origem é recorrente em seus cantos, que segundo Feitosa (2003), Patativa transmite ao mundo o que ele desde sua infância idealiza, o seu sertão, a Serra de Santana. Apresenta o seu lugar de convívio como sendo algo fantástico. Trecho de “Eu e meu campina” do livro “Ispinho e fulô”, que favorece seu lugar:

Cresci entre os campos belos  
 De minha adorada Serra  
 Compondo Versos singelos  
 Brotados da própria terra  
 Inspirado nos primores  
 Dos campos com suas flores  
 De variados formatos  
 Que pra mim são obras-primas  
 Sem nunca invejar as rimas  
 Dos poetas literatos.

Em toda a trajetória de suas obras, há uma supervalorização de ambas as partes da sociedade. Pessoas veem na riqueza de suas obras a exaltação do lugar onde viveu, a súplica por ação no sertão, apresentação das tristes dificuldades enfrentadas pelo seu povo, e, ao mesmo tempo, sempre enraizado na religiosidade cultural. Para o poeta Patativa, a seca ou o sofrimento do sertanejo não é por castigo de Deus, pelo contrário, em vários de seus versos mostra que a culpa de tanta injustiça vem do descaso dos próprios seres humanos.

Toda a narrativa de Patativa do Assaré baseia-se como uma realidade vivida abaixo da “providência de Deus”- vontades e medidas tomadas por Deus na terra-, discursos religiosos para apresentar os valores morais do poeta. Todas essas características afirmam com mais clareza o quanto o canto do sertanejo Patativa, é carregado da rica cultura popular. Um exemplo da religiosidade cultural inserida no cotidiano do poeta na entrevista feita por Feitosa, o poeta quando fala em que se inspira, de onde vem sua principal inspiração, logo responde: “Primeiramente, Deus.” Então, vê-se a tradição religiosa dita por Xidieh (1993) presente na vivência de Patativa, em que os valores inerentes às crenças do sertanejo está intimamente ligada aos princípios do catolicismo, uma esperança voltada para o Deus criador da natureza.

ABC nem beabá  
 No meu livro não se incerra  
 O meu livro é naturá  
 É o má, o céu e a terra  
 Cum a sua imensidade

Livro cheio de verdade  
 De beleza e de primo  
 Tudo incadernado, inscrito  
 Pelo pudê infinito  
 Do nosso Pai Criadô.

O texto de Patativa do Assaré acima, intitulado “O meu livro” do livro “Inspinho e fulô”, apresenta com clareza a presença da base religiosa em seus versos, em que mostra a inspiração vinda do Divino, o “Pai Criadô”. O poeta afirma que o dom foi dado pela natureza e por Deus.

Com isso, percebe-se a partir das características apresentadas de Patativa do Assaré, a prova de que ele, um sertanejo da Serra de Santana, pode ser considerado um representante da cultura popular nordestina, em que ele teria uma vida baseada em narrativas e representações de seu povo, que transcende as teorias literárias, tornando-o um exemplo de práticas populares desde a religiosidade à moral e princípios por ele defendida.

### 3. A MENTE DO POETA EM DEFESA E MEMÓRIA DE SUAS RAÍZES

A literatura tem o poder de transformar pensamentos, invadir o campo da subjetividade levando o leitor a interagir com as variadas temáticas ali abordadas, (re)constrói aquilo que é apresentado e defendido em uma cultura. Para Candido (1972) a literatura tem a função social que diz respeito à representação do vivenciado pelo leitor. Percebe-se então a força que os textos literários têm, permeiam por entre as histórias descritas por culturas passadas e resgatam mitos um dia esquecidos.

A literatura popular, construída por diversos representantes de um povo, homens e mulheres comuns, reconstitui a importância da cultura popular, fazendo com que prevaleça o significado e o reconhecimento. Todo povo carrega uma cultura, que são os sistemas de valores, crenças e tradições, oralidade, entre outros. Cascudo (2006, p. 113) diz que a representação do popular se dá por meio da literatura oral e escrita baseando-se nas raízes e tradições de um povo. E para transmissão de uma cultura popular surgem grandes pilares, que são poetas, escritores, cantadores e improvisadores, que se responsabilizam por declamar o que viveram e viram em sua comunidade.

Entre grandes homens da literatura popular, apresenta-se Antônio Gonçalves da Silva ou até mesmo o Pássaro Sonhador da Serra de Santana, próximo a Assaré na região do Ceará, por isso o nome artístico, Patativa do Assaré. Textos que apresentam com clareza, simplicidade e objetividade o mundo de sua gente. Seu propósito foi valorizar seu povo, desmitificando o cotidiano sertanejo, ao mesmo tempo em que defende sua história social, mostra as tragédias e dificuldades enfrentadas na região. Toda sua trajetória carrega sentidos e significados, suas obras com fundamentos culturais e objetivadas para se tratar de diferentes temáticas.

O autor preocupa-se em descrever acontecimentos que marcaram seu povo, defende sua classe social, utilizando um diálogo dirigido ao seu espaço e também ao público erudito. Exalta a natureza, a rotina simples do sertanejo, e ao mesmo tempo elucida o leitor dos elementos trágicos do seu sertão, com clareza apresenta as questões que não se resolvem por entidades políticas, mas mostra-se esperançoso ao seu povo.

Dentro de uma comunidade interiorana, onde se consegue identificar com mais facilidade uma cultura popular resistente, presencia-se um povo receptivo e hospitaleiro, que com simplicidade recebe pessoas em sua residência, muitas vezes pessoas

desconhecidas, e as tratam como se fosse de “casa”, uma característica da cultura popular. A hospitalidade foi um tema abordado por Xidieh (1993, p. 28) em seus estudos de cultura popular, colocando como tema central entre as dez de suas pesquisas em narrativas pias populares e diz que “na prática, essa formação moral transparece na simplicidade do trato, na liberalidade e na simpatia cautelosa com que se recebe o andante e se lhe dá pouso e comida ou se divide o que há em casa.”

Patativa consegue repassar esses valores e defende com firmeza tal prática de solidariedade com as pessoas. Consegue repassar em suas poesias o que afirma em suas práticas, sendo para ele o correto em um homem. Feitosa (2003) em uma de suas entrevistas com o autor Patativa percebe que ele é um sertanejo solidário e frequentemente ajudava as pessoas pedintes quando batem na porta de sua casa. Feitosa (2003, p. 123) pergunta: “Essa romaria de pedintes na sua porta é frequente?” Patativa responde a ele: “É todo dia, todo dia. Às vezes, de manhã e de tarde. Esse povo sabe que eu sou um pouco sensível, viu? Graças a Deus. Deus me deu esse dom e eu prezo ele e agradeço.” Essa é uma prova de que Patativa em sua vida foi um grande representante da cultura popular nordestina, por ter uma visão solidária própria do sertanejo. A solidariedade faz parte do cotidiano da sociedade interiorana nordestina. É vista como prática social associada a cultura e princípios religiosos-morais, segundo Selwyn (2004). E como na vida de Patativa mostraram-se características de solidariedade, em sua obra não foi diferente, consegue refletir seus pontos de vista em suas poesias. No poema “Caboclo Roceiro”, do sertanejo Patativa do Assaré, veremos a influência da solidariedade recorrente em sua obra:

Caboclo Roceiro, das plaga do Norte  
Que vive sem sorte, sem terras e sem lar,  
A tua desdita é tristonho que canto,  
Se escuto o teu pranto, me ponho a chorar.

Ninguém te oferece um feliz lenitivo  
És rude e cativo, não tens liberdade.  
A roça é teu mundo e também tua escola.  
Teu braço é a mola que move a cidade.

De noite tu vives na tua palhoça  
De dia na roça de enxada na mão,  
Julgando que Deus é um pai vingativo,  
Não vês o motivo da tua opressão.

Tu pensas, amigo, que a vida que levas

De dores e trevas debaixo da cruz  
E as crises cortantes, quais finas espadas,  
São penas mandadas por nosso Jesus.

Tu és nesta vida um fiel penitente  
Um pobre inocente no banco do réu.  
Caboclo não guardes contigo esta crença  
A tua sentença não parte do céu.

O mestre divino que é sábio profundo  
Não faz neste mundo teu fardo infeliz  
As tuas desgraças com suas desordens  
Não nascem das ordens do eterno juiz.

A lua se apaga sem ter empecilho,  
O sol o seu brilho jamais te negou

Porém os ingratos, com ódio e com guerra,  
Tomaram-te a terra que Deus te entregou.

De dia na roça, de enxada na mão  
Caboclo roceiro, sem lar, sem abrigo,  
Tu és meu amigo, tu és meu irmão.

De noite tu vives na tua palhoça

O poema “Caboclo Roceiro”, de Patativa do Assaré, foi criado no ano de 1956, com o desejo de publica-lo no seu primeiro livro “Inspiração nordestina”. Por causa dessa publicação quase foi preso na cidade do Crato no interior do Ceará. Mesmo assim, com um tempo depois, foi publicado no jornal “A Semana” por Cila Sobreira. O poema mostra a solidariedade do poeta com os cidadãos que lutavam por suas terras, na tentativa de conversar com entidades políticas e conseguir resgatar o principal bem que um pobre possui para o sustento de sua família, sua roça.

Diante da leitura do poema “Caboclo Roceiro” tem-se a noção de que a solidariedade é parte integrante do seu cotidiano. Patativa tem um olhar acolhedor sobre o “roceiro”. No trecho “A tua desdita é tristonho que canto,/ Se escuto o teu pranto, me ponho a chorar”, Patativa mostra-se solidário ao sertanejo sofredor. Para Camargo (2004) a solidariedade está compreendida como prática cultural e diz que a solidariedade começa com o vínculo humano na vivência de um povo.

Para entender Patativa do Assaré e sua poética, precisamos entender o seu contexto, suas defesas e seu modo de vida. “Caboclo Roceiro” foi escrito em um tempo de Reforma Agrária, em que os sertanejos que continham terras, passavam por dificuldades na má distribuição de terras ou posses indevidas, Movimento Sem Terra (MST). Patativa ao ver a difícil situação do caboclo em busca de seus direitos e não sendo atendidos, se compadece em fazer esse texto para mostrar compaixão aos roceiros. No trecho, “Caboclo roceiro, sem lar, sem abrigo,/ Tu és meu amigo, tu és meu irmão”, afirma a força da bondade e boa-fé do autor com o próximo, característica presente em uma cultura popular tradicional do sertão nordestino.

A observação que é feita em relação a hospitalidade e solidariedade, faz ver e perceber a presença na vida e obra de Patativa do Assaré que reflete no convívio com seu povo. Na cultura popular, segundo Xidieh (1993), presenciavam-se valores intrinsecamente ligados aos comportamentos dentro do convívio social do povo sertanejo, encontra-se “ressonância do costume de hospitalidade e solidariedade” nos ditos populares como, “onde comem dois, comem três”, “feijão curto, coração comprido”, entre outros. Tais

características, que se apresentam na vida e obra do poeta sertanejo, faz ter a convicção da participação e comprovação na cultura popular nordestina.

Segundo Xidieh (1993), a hospitalidade e solidariedade humana na cultura popular estão ligadas a costumes religiosos e crenças moldadas culturalmente, tendo em mente que essa prática de solidarizar-se é algo relativo a “obrigatório e fora de discussão”. A religiosidade então, torna-se visível como sendo outra característica na cultura de um povo sertanejo. A religiosidade presente até mesmo na oralidade cotidiana, mostra como o ensinamento cristão está marcado pelo tempo tradicional de um povo.

O antropólogo Clifford Geertz (1989, p.67), fala sobre o que seria a religiosidade presente nos grupos sociais:

Na crença e na prática religiosa, o ethos de um grupo torna-se intelectualmente razoável porque demonstra representar um tipo de vida idealmente adaptado ao estado de coisas atual que a visão de um mundo descreve, enquanto essa visão de mundo torna-se emocionalmente convincente por ser apresentada como uma imagem de um estado de coisa verdadeiro, especialmente bem arrumado para acomodar tal tipo de vida. Essa confrontação e essa confirmação mútuas tem dois efeitos fundamentais. De um lado, objetivam preferências morais e estéticas, retratando-as como condições de vida impostas, implícitas num mundo com uma estrutura particular, como simples senso comum dada a forma inalterável da realidade. De outro lado, apoiam essas crenças recebidas sobre o corpo do mundo invocando sentimentos morais e estéticos sentidos profundamente como provas experimentais da sua verdade.

Ele diz “ethos de um grupo” como sendo a qualidade e estilo de um povo, então defende que a religiosidade representa o ideal de uma comunidade. Alguém só defende uma fé por senti-la ou acreditar senti-la. Segundo Geertz (1989), ao surgir motivações humanas formulam-se conceitos que parecem reais fazendo surgir essa religiosidade.

Sabendo o que seria uma possível definição da religiosidade, consegue-se identifica-la na vida e obra de Patativa do Assaré, que é certa a presença na cultura popular nordestina e sertaneja, nos arredores de Patativa.

A poética de Antônio Gonçalves da Silva carrega características de uma mentalidade cristã ligadas à valores religiosos. Na visão do poeta sertanejo, sua capacidade e habilidade artística são dons dados pelo “Criador”. Confirmando essa afirmativa, Patativa a ser entrevistado por Feitosa (2003, p.43) “assume várias vezes sua condição de escolhido

por Deus: ‘... mode eu conta minha historia/ com a língua que Deus me deu’.” Sendo assim percebe-se os valores religiosos na vida de Patativa.

A cultura popular está em constante transformação no meio social pelo crescimento acelerado da globalização, mas os valores religiosos continuam arraigados a sociedade cultural interiorana. Em uma cultura popular cristã, os ensinamentos religiosos dados pelos pais, avós e gerações passadas, tomam como verdade absoluta e segue para sua vida. Com a ideia de que tudo gira em torno da vontade ou não de Deus, “o criador dos céus e terras”, que ajuda e que ao mesmo tempo condena quando não se enquadra nas vontades do Senhor. O homem do campo carrega fortemente a definição do sagrado na vida de cada um, “todos somos filhos de Deus”, um exemplo de dito popular. Beger (2004) diz que é impossível para o homem viver sem o “sagrado”, pois sente a necessidade de que algo dê sentido a existência humana. Esse aspecto que mostra a presença da divindade é recorrente em Patativa, em que a explicação do mover e funcionar das coisas vem de uma interpretação religiosa. O sagrado é algo que é valorizado dependendo do lugar e cultura que se vive, adotando significados à realidade. “Essa qualidade pode ser atribuída a objetos naturais e artificiais, a animais, ou a homens, ou as objetivações da cultura humana”. (BERGER 2004, p.38) O poema “O inferno, o purgatório e o paraíso” (obra completa em anexo 1), de Patativa reflete esse contexto característico da cultura popular:

Pela estrada da vida nós seguimos,  
Cada qual procurando melhorar,  
Tudo aquilo, que vemos e que ouvimos,  
Desejamos, na mente, interpretar,  
Pois nós todos na terra possuímos  
O sagrado direito de pensar,  
Neste mundo de Deus, olho e diviso  
O Purgatório, o Inferno e o Paraíso.

Este Inferno, que temos bem visível  
E repleto de cenas de tortura,  
Onde nota-se o drama triste horrível  
De lamentos e gritos de loucura

E onde muitos estão no mesmo nível  
De indigência, desgraça e desventura,  
É onde vive sofrendo a classe pobre  
Sem conforto, sem pão, sem lar, sem cobre.  
[...]

Já mostrei, meu leitor, com realeza,  
Pobres, médios e ricos potentados,  
Na linguagem sem arte e sem riqueza.  
Não são versos com ouro burilados,  
São simples, são simples, sem beleza,  
Mas, nos mesmos eu deixo retratados,  
Com certeza, verdade e muito siso,  
O Purgatório, o Inferno e o Paraíso.

O poeta Patativa do Assaré quando escreve “O inferno, o purgatório e o paraíso”, objetiva mostrar a situação social ao qual estava presenciando. Conta como enxerga a desigualdade numa forma culta da língua portuguesa para mostrar sua capacidade de

escrita para ambas os públicos e culturas. Fala com objetividade em sua poesia aquilo que sente necessidade de ser dito, para que todos saibam das verdades vistas por ele.

A religiosidade do sertanejo caracteriza-se por está arraigada ao cotidiano do povo. A vida de um grupo rural, onde se encontra uma cultura popular tradicional, acham necessário e indispensável o valor religioso. Com isso, Patativa do Assaré mais uma vez posiciona-se como um homem simples e representante popular, usando da religiosidade enraizada de sua vida, para transmitir saberes e posicionamentos quanto a sociedade ao qual pertencia. O poeta fez o povo entender sua mensagem usando de meios que todos conheciam. O que aprenderam durante suas vidas sobre o “paraíso, o purgatório e o inferno” para compreenderem a situação das classes sociais.

A relação que Patativa faz ao comparar a posição das classes sociais com os conhecimentos ligados ao ensinamento religioso vai além de um posicionamento crítico, mostra-se que a doutrina cristã é algo presente e muito significativo para seu povo. A compreensão da temática poética – crítica sobre a situação das classes sociais – só é mais compreendida pelo fato de o autor usar de artifícios e conhecimentos que são presentes na vida de muitos outros sertanejos.

A fonte bíblica e doutrina cristã apresentam os caminhos percorridos após a morte. Durante a vida na Terra, Deus oferece oportunidades de o homem fazer sua própria caminhada, porém, depois da morte, segundo a bíblia cristã, “segue-se o juízo” (HEBREUS 9:27). A partir dessa promessa divina, os cristãos têm em mente e a crença em caminhos até a chegada ao Céu ou “Paraíso”. Patativa ao escrever sobre condição social no poema torna-se mais compreendido por relacionar com o saber cristão católico ao falar sobre “inferno, purgatório e paraíso”, comum a uma sociedade popular. Segundo Feitosa (2003), a visão de mundo do poeta, em vários de seus textos, destacam-se com marcas da ética cristã que aprendeu durante sua vida.

O que Patativa escreve e defende, relaciona-se com sua vivência e memória cultural. Aquilo que ele escolhe ao colocar em suas palavras interage com os símbolos presentes em seu convívio. A fé, devoção e crenças é algo popular, fortemente centrado no homem sertanejo. Tudo que o homem popular faz gira em torno de princípios religiosos e em torno da vontade Divina. Assim, percebe-se que o poeta utiliza a partir de ensinamentos religiosos, característica centrada na vida sertaneja, para melhor haver a compreensão da situação de desigualdade na sociedade ao qual ele estava inserido.

Dentre as características de uma sociedade popular, não menos importante, está a ingenuidade e simplicidade da vida humana nos interiores do país. Na cultura de um povo sertanejo encontram-se pessoas que passam por dificuldades sociais e econômicas, muitas vezes resultante de acontecimentos naturais, como a seca, mas essas pessoas conseguem manter a esperança e a fé em dias melhores, conseguem ver a felicidade, mesmo sem ter o sustento diário. No poema de Patativa, “O maió ladrão” (obra completa em anexo 2), claramente mostra essa característica popular:

Tenho o certeza que o isprito  
De Capsitrano de Abreu  
Cum o di Faria Brito,  
Qui tanta coisa aprendeu,  
Não vai condená meu dito  
E nem queimá contra eu.  
Pois falo de cunciença  
E sou capaz de bota  
As duas mão incruzada  
Nas fôia santa e sagrada  
E jurá nos evangéio  
Cum dos ladrão do mundo  
O tempo, este vagabundo,  
É o mais maió e o mais véio.  
Todos me preste atenção,  
Se eu tenho razão ou não.

Dêrne quando eu fui gerado  
Naquela santa barriga,  
Onde passei nove mês  
Causando tanta fadiga  
A minha mãe adorada,  
Tão boa e tão istimada,  
O tempo, este infuluído,  
Este veiaci fingido,  
Já tava a me repara,  
Sempre se manifestando,  
Me ajeitando e me adulando,  
Pra me dá e depois robá.  
Eu vou prová desta vez  
Tudo o qui o tempo me fez.  
[...]

E me levava pra frente  
Todo cheio de alegria;  
Se eu vivia sastifeito,  
Sastifeito ele vivia

Me dando hoje um dia novo  
E amanhã um novo dia.  
E eu inocente seguia  
Nas orde do cundutô,  
Vendo a rica natureza  
Toda cheia de primo,  
O só, a lua, as estrela  
Cum seu imenso furgô  
Sintindo o chêro agradave  
Do perfume das fulô.  
[...]

Fui andando, fui andando  
Nas orde do cundutô,  
Cunfiado nas promessa,  
Cunfiado nos favô,  
Esperei cum paciência,  
Porém nada me chegou.  
Foi quando eu vi que ele tava  
Sendo um grande enganado  
Pois toda a minha alegria,  
Todo o prazê que eu sentia  
Tinha mistura de dô.  
Depois que eu descobri tudo  
O tempo desconfiou,  
Foi me levando pra frente  
Cum quem leva um doente.  
[...]

Mode o inzempro de Jesus  
Na sua Morte e Paxão,  
Tempo ingrato, eu lhe discurpo.  
Eu vou lhe dá o meu perdão,  
Mas, porém, eu não lhe nego  
Eu lhe digo com razão:  
Você é o maió ladrão  
De riba do nosso chão!

O poema “O maió ladrão”, do autor Patativa do Assaré, primeiramente faz alusão aos e malefícios e “ilusões” que o tempo, “o ladrão”, pode trazer. Enfatiza as principais alegrias que o ser humano tem desde sua concepção, desfrutes e prazeres da mocidade em um ambiente consagrado por ele como sendo o melhor, exalta o poder da criação e da natureza divina, enaltece a beleza do sertão em época de chuva e fartura. Vejamos no trecho do poema as alegrias que inicialmente “o ladrão” lança a ele: “Me dando hoje um dia novo/ E amanhã um novo dia./ E eu inocente seguia/ Nas orde do cundutô,/ Vendo a rica natureza/ Toda cheia de primo,/O só, a lua, as estrela/ Cum seu imenso furgô/ Sintindo o chêro agradave/ Do perfume das fulô.” Ao mesmo tempo apresenta o contraponto das observações positivas vistas e vividas por ele. Mostra as agruras, dores, separações, perdas, velhice e morte, também causadas por esse mesmo infalível e cruel tempo.

Na cultura popular, o sertanejo é caracterizado por ter uma visão aguçada no sentido de observar os minuciosos sinais oferecidos pela Natureza exaltada, como os astros celestes, animais da fauna, insetos e características da flora, levando com que suas análises indiquem tempos bons ou anos difíceis, fazendo assim permanecer a esperança. Patativa faz o poema pondo-se como poeta popular e mostra a veracidade do pensamento e cotidiano do sertanejo. Segundo Feitosa (2003), Patativa do Assaré com seu fazer poético, faz uma aproximação aos termos da cultura popular como “primitivo”, “ingênuo” e “tradicional” ao entoar o grito da simplicidade no olhar do sertanejo sob as injustiças presenciadas por ele.

Patativa em sua vida e obra simboliza a esperança para os que, assim como ele, estão sofrendo com as astúcias do tempo, mas também simboliza àqueles que foram enganados pelo “ladrão” como ele. E é aí que mora o representativo da simplicidade, característica popular sertaneja, pois, apesar de tristes perdas, é capaz de perdoar aquele que o explorou durante a vida.

Patativa, nesse poema, mostra que a vida transforma-se por necessidade e culpa do grande “ladrão” de momentos, o tempo. No trecho: “E me levava pra frente/ todo cheio de alegria;/ se eu vivia sastifeito,/ sastifeito ele vivia/ me dando hoje um dia novo/ e amanhã um novo dia”, percebe-se os feitos do tempo na vida, por enquanto tudo tranquilo, sempre vendo o lado bom do que passava, elogiando tudo que via, mas com o desenrolar do poema, Patativa mostra o que o seu “farsó amigo”, o tempo, o apresenta na verdade. No trecho: “O tempo, o grande ladrão,/ cum sua feição fingida,/ sem nenhum acanhamento/ de

cara lisa e lambida,/ pegou a me mostrá coisa/ pra mim bem desconhecida”, Patativa diz em que o tempo o surpreendeu, como as desgraças, injustiças, falsas vitórias, mostradas pelo infiel amigo. Mesmo com tantos acontecidos, finaliza o poema com a esperança característica do sertanejo, perdoando o tempo por tantos mal feitos, mas se conforma, pois usa do que aprendeu sobre o “Criador”, que a dor existe, mas deve se ter esperança. Sobreira (1998) caracterizou a esperança como simples modelo inspirador para o sofredor sertanejo. Portanto, a esperança internalizada em Patativa estabelece um laço de identificação com a identidade do povo sertanejo, pois diante da terrível face da realidade e obstáculos da vida há o pensamento positivo de dias melhores.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

A identificação do indivíduo produzida na pós-modernidade não é moldada de forma única, mas completamente heterogênea e em constante mudança. Para composição da identidade social do sujeito, Bauman (2005) reflete na ideia da formação de identidades a partir das variadas crenças, interações sociais e modos de agir e pensar sobre o mundo. Nessa perspectiva, o presente trabalho ao apresentar as vertentes de discussões relacionadas à identidade e cultura de um povo, conclui-se que as características culturais que perpetuam a memória popular do sertanejo nordestino são tomadas pela voz do poeta Antonio Gonçalves da Silva, Patativa do Assaré, dando notoriedade e valorização como legítimo representante cultural. Nesse sentido conclui-se que a poética de Patativa nos poemas “Caboclo Roceiro”, “O inferno, o purgatório e o paraíso” e “O maió ladrão” apresentam as características da cultura popular nordestina interiorana, aqui apresentada, como aspectos que constituem a identidade e a memória cultural. Com a liberdade poética de Patativa do Assaré apresentam-se os elementos culturais investigados e encontrados em seu texto: solidariedade, religiosidade e simplicidade.

O viés que permeou a identificação e compreensão das marcas culturais na análise do trabalho partiu da discussão sobre identidade cultural na concepção de Hall (2003), em que afirma a identidade cultural dependendo do contexto ao qual o indivíduo está inserido e suas relações sociais. A identidade cultural presente nas narrativas do poeta Antonio Gonçalves da Silva é relatada com base na realidade vivenciada de seu povo. Patativa enaltece a cultura sertaneja e desenha em sua literatura a imagem do nordestino em seu cotidiano. Tanto exalta as alegrias e vitórias presenciadas por ele, como também apresenta criticamente a situação social.

Para a compreensão da literatura popular oral e escrita, Candido (1972) e Cascudo (2006) pensam a literatura como representação social, com a função de transmitir os valores e tradições de uma determinada cultura. Nesta pesquisa se procurou situar o fenômeno da literatura oral e escrita, campo que Patativa se sentia muito à vontade, pois transmitia as características da identidade cultural de seu povo nordestino em forma de memórias escritas. As análises dos poemas de Patativa mostraram as características da cultura popular reveladas sob a vocação do poeta mensageiro e os símbolos constitutivos da identidade de seu povo. Portanto, a literatura cultural em Patativa do Assaré foi bem

representada de acordo com o que Ayala (2003) diz sobre a literatura popular refletida no cotidiano do povo nordestino.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ASSARÉ, Patativa do. **Digo e não peço segredo**. São Paulo: ed. Presença, 2001.
- ASSARÉ, Patativa do. **Cante lá que eu canto cá**. 8. Ed. Petrópolis: Vozes, 1992.
- ASSARÉ, Patativa do. **Ispinho e Fulô**. Fortaleza: UECE, 2001.
- ASSARÉ, Patativa do. **Inspiração nordestina**. 3. Ed. Assaré: UEC, 1999.
- AYALA, Maria Ignez Novais. In: PINHEIRO, Hélder (org.). **Pesquisa em literatura**. Campina Grande: Bagagem, 2003.
- BAGNO, Marcos. **Preconceito Linguístico: O que é, como se faz**. São Paulo: Edições Loyola, 2002.
- BAUMAN, Zygmunt. **Identidade: entrevista a Benedetto Vecchi**. Rio de Janeiro: J. Zahar Editor, 2005.
- BEGER, Peter Ludwig. **O Dossel Sagrado**. Org. Luiz Roberto Benedetti; trad. José Carlos Barcellos. 5. ed. São Paulo: Paulus, 2004.
- BOSI, Alfredo. **Dialética da colonização**. São Paulo: Companhia das Letras, 1992.
- CASCUDO, Luíz da Câmara. **Literatura Oral no Brasil**. São Paulo: Global, 2006.
- CAMARGO, Luíz O. L. **Hospitalidade**. São Paulo: Aleph, 2004.
- CANCLINI, Nestor Garcia. **Culturas híbridas: estratégias para entrar e sair da modernidade**. Tradução: Heloísa Pezza Cintrão, Ana Regina Lessa. São Paulo: Ed. da Universidade de São Paulo, 2006.
- CANDIDO, Antonio. **A literatura e a formação do homem**. Ciência e cultura. São Paulo: Brasiliense, 1972.
- EAGLETON, T. **A ideia de cultura**. São Paulo: Ed. Unesp, 2005.
- FEITOSA, Luiz Tadeu. **Patativa do Assaré: A trajetória de um canto**. São Paulo: Escrituras Editora, 2003.
- GEERTZ, Clifford. **A interpretação das culturas**. Rio de Janeiro: LTC, 1989.
- HALL, Stuart. **Identidades culturais na pós-modernidade**. Rio de Janeiro: DP&A, 2005.
- LINDOSO, Ester. **Identidade Nordestina: de imaginário, estereótipos e humor**. Revista Labirinto. UFRO, 2005. p.1-5. Disponível em <http://www.cei.unir.br/nota1.html>. Acesso em: 29 jan. 2014.

LIPPMANN, Walter. **Estereótipos**. In: STEINBERG, S.C.(org). Meios de comunicação de massa. São Paulo: Cultrix, 1972.

SELWYN, Tom. **Uma antropologia da hospitalidade**. Em busca da hospitalidade. Perspectiva para o mundo globalizado. São Paulo: Manole, 2004.

SOBREIRA, I. B. **Carcará**. 2. ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 1988.

XIDIEH, Oswaldo Elias. **Narrativas populares: Estórias de Nosso Senhor Jesus Cristo e mais São Pedro Andando pelo Mundo**. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo; Belo Horizonte: Itatiaia, 1993.

## **ANEXOS**

(Poemas analizados)

**( anexo 1) O inferno, o purgatório e o paraíso**

Pela estrada da vida nós seguimos,  
Cada qual procurando melhorar,  
Tudo aquilo, que vemos e que ouvimos,  
Desejamos, na mente, interpretar,  
Pois nós todos na terra possuímos  
O sagrado direito de pensar,  
Neste mundo de Deus, olho e diviso  
O Purgatório, o Inferno e o Paraíso.

Este Inferno, que temos bem visível  
E repleto de cenas de tortura,  
Onde nota-se o drama triste horrível  
De lamentos e gritos de loucura  
E onde muitos estão no mesmo nível  
De indignância, desgraça e desventura,  
É onde vive sofrendo a classe pobre  
Sem conforto, sem pão, sem lar, sem  
cobre.

É o abismo do povo sofredor,  
Onde nunca tem certo o dormitório  
É sujeito e explorado com rigor  
Pela feia trapaça do finório  
É o inferno, em plano inferior,  
Mas acima é que fica o Purgatório,  
Que apresenta também sua comédia  
E é ali onde vive a classe média.

Este ponto também tem padecer,  
Porém seus habitantes é preciso  
Simularem semblantes de prazer,  
Transformando a desdita num sorriso.  
E agora, meu leitor, nós vamos ver,  
Mais além, o bonito Paraíso,  
Que progride, floresce e frutifica,  
Onde vive gozando a classe rica.

Este é o Éden dos donos do poder,  
Onde reina a coroa da potência.

O Purgatório ali tem que render  
Homenagem, tributo e obediência.  
Vai o Inferno também oferecer  
Seu imposto tirado da indignância,  
Pois, no mastro tremula, a todo instante,  
A bandeira da classe dominante.

É o Inferno o teatro do agregado  
E de todos que vivem na pobreza,  
Do faminto, do cego e do aleijado,  
Que não acham abrigo nem defesa  
E é também causador do triste fado  
Da donzela repleta de beleza  
Que, devido à cruel necessidade,  
Vende as flores de sua virgindade.

Que tristeza, que mágoa, que desgosto  
Sente a pobre mendiga pela rua!  
O retrato da dor no próprio rosto,  
Como é dura e cruel a sorte sua!  
Com o corpo mirrado e mal composto,  
A coitada chorosa continua  
A pedir, pelas praças da cidade:  
“Uma esmola, senhor, por piedade!”

Para que outro estado mais precário  
Do que a vida cansada do roceiro?  
Sem gozar do direito do salário,  
Trabalhando na roça o dia inteiro,  
Nunca pode ganhar o necessário,  
Vive sempre sem roupa e sem dinheiro,  
E, se o inverno não vem molhar o chão,  
Vai expulso da roça do patrão.

Como é triste viver sem possuir  
Uma faixa de terra para morar  
E um casebre, no qual possa dormir  
E dizer satisfeito: “este é meu lar”.  
Ninguém pode, por certo, resistir  
Tal desgraça na vida sem chorar.  
Se é que existe inferno no outro mundo  
Com certeza, o de lá é o segundo!

Veja bem, meu leitor, que quadro triste,  
 Este inferno que temos nesta vida,  
 O sofrimento atroz dele consiste  
 Em viver sem apoio e sem guarida.  
 Minha lira sensível não resiste  
 Descrever tanta coisa dolorida  
 Com as rimas do mesmo repertório,  
 Quero um pouco falar do Purgatório

Purgatório da falsa hipocrisia,  
 Onde vemos um rosto prazenteiro  
 Ocultando uma dor que o excrucia  
 E onde vemos também um cavalheiro  
 Usar terno de linda fantasia,  
 Com o bolso vazio de dinheiro:  
 Pra poder trajar bem, até se obriga  
 Dar, com jeito, uma prega na barriga.

Purgatório infeliz do desgraçado,  
 Que trabalha e faz tudo o que é preciso  
 No comércio, lutando com cuidado,  
 Com desejo de entrar no Paraíso,  
 Porém quando termina derrotado,  
 Fracassado, com grande prejuízo,  
 Desespera, enlouquece, perde a bola  
 E no ouvido dispara uma pistola.

Ali vemos um gesto alegre e lindo  
 Disfarçando uma dor, uma aflição,  
 Afirmando gozar prazer infindo  
 De esperança, de sonho e de ilusão.  
 Mas, enquanto esses lábios vão sorrindo,  
 Vai chorando, no peito, o coração.  
 É um mundo repleto de amarguras,  
 Com bastante aparência de venturas.

Veja agora leitor que diferença  
 Encontramos no lindo Paraíso:  
 O habitante não fala de sentença  
 Tudo é paz, alegria, graça e riso.  
 Tem remédio e conforto, na doença

E, se a morte lhe surge, de improviso,  
 Quando morre inda deixa por memória  
 Uma lousa, contando a sua glória.

Neste reino, que cresce e que vigora,  
 Vive a classe feliz e respeitada,  
 Tem tudo o que quer, a toda hora,  
 Pois do belo e do bom não falta nada,  
 Tem estrela brilhante e linda aurora,  
 Borboletas azuis, contos de fada  
 E, se quer gozar mais a vida sua,  
 Vai uns dias passar dentro da lua.

O Paraíso é o ponto culminante  
 De riqueza, grandeza e majestade,  
 Ali o homem desfruta ouro e brilhante,  
 Vive em plena harmonia e liberdade,  
 Tem sossego, conforto e tem amante,  
 Tudo quanto há de bom tem à vontade  
 E a mulher, que possui corpo de elástico,  
 Para não ficar velha, vai ao plástico.

Já mostrei, meu leitor, com realeza,  
 Pobres, médios e ricos potentados,  
 Na linguagem sem arte e sem riqueza.  
 Não são versos com ouro burilados,  
 São simples, são simples, sem beleza,  
 Mas, nos mesmos eu deixo retratados,  
 Com certeza, verdade e muito siso,  
 O Purgatório, o Inferno e o Paraíso.

**(Anexo 2) O maió ladrão**

Tenho o certeza que o isprito  
 De Capsitrano de Abreu  
 Cum o di Faria Brito,  
 Qui tanta coisa aprendeu,  
 Não vai condená meu dito  
 E nem queimá contra eu.  
 Pois falo de cunciença  
 E sou capaz de bota  
 As duas mão incruzada  
 Nas fôia santa e sagrada  
 E jurá nos evangéio  
 Cumo dos ladrão do mundo  
 O tempo, este vagabundo,  
 É o mais maió e o mais véio.  
 Todos me preste atenção,  
 Se eu tenho razão ou não.

Dêrne quando eu fui gerado  
 Naquela santa barriga,  
 Onde passei nove mês  
 Causando tanta fadiga  
 A minha mãe adorada,  
 Tão boa e tão istimada,  
 O tempo, este infuluído,  
 Este veiacó fingido,  
 Já tava a me repara,  
 Sempre se manifestando,  
 Me ajeitando e me adulando,  
 Pra me dá e depois robá.  
 Eu vou prová desta vez  
 Tudo o qui o tempo me fez.

Eu nasci tão inocente  
 Cumo as fulô das campina,  
 Tão puro iguarmente os anjo  
 Lá da gulora divina  
 E assim cumo o jardinêro  
 Vai zelando no cantêro,  
 Vai zelando no jardim,  
 O cravo, a rosa, a sucena,  
 O bugari e o jasmim  
 E tantas fulô bonita  
 Cum seus perfume sem fim  
 O tempo, do mesmo jeito  
 Ia me fazendo assim,  
 Tudo o que de mio

Botava perto de mim,  
 Me zelando e me agradando  
 Pra depois fazê motim.  
 Sempre fazendo cariça  
 E alimentando a maliça.

E me levava pra frente  
 Todo cheio de alegria;  
 Se eu vivia sastifeito,  
 Sastifeito ele vivia  
 Me dando hoje um dia novo  
 E amanhã um novo dia.  
 E eu inocente seguia  
 Nas orde do cundutô,  
 Vendo a rica natureza  
 Toda cheia de primo,  
 O só, a lua, as estrela  
 Cum seu imenso furgô  
 Sintindo o chêro agradave  
 Do perfume das fulô.

Vendo os prado cum as rerva,  
 As mata cum seu verdô  
 E uvindo o canto sodoso  
 Da rola fogo-pagô.  
 Mas, inpaga disto tudo,  
 Tão bom, tão belo e tão puro  
 Minha sentença chegou.  
 Vou contá o meu farço amigo  
 O que foi que fez cumigo.

Num certo ponto da estrada  
 Tão bela e tão fulorida,  
 O tempo, o grande ladrão  
 Cum sua feição fingida,  
 Sem nenhum acanhamento  
 De cara lisa e lambida  
 Chegou a me mostrá coisa  
 Pra mim bem desconhecida.

Os home perdendo a honra  
 Ingorfado na bebida,  
 Os irmão contra os irmão,  
 Numa luta desmedida  
 E muntas casa bonita  
 Cheia de muié perdida.  
 Eu fiquei horrorizado,  
 Senti meu corpo gelado

E a minha arma dilurida.

No meu coração sensive  
Começou uma ferida  
E vi que o tempo, o safado  
Este ladrão afamado  
Desta vez tinha roubado  
O mió de minha vida,  
Cum toda sua imprudência,  
Robou a minha inocença.

Cum este rôbo danado  
Que o tempo me fez ali,  
Tudo o que eu ignorava,  
Comecei a descobri.  
Vi os mendigo chorando  
De fome, a se consumi,  
Abandonado da sorte,  
De porta in porta a pedi  
Sem tê casa prá mora,  
Sem tê rôpa pra vesti.

Eu vi os rico orguioso,  
Poderoso e presunçoso,  
Fingindo cara de nobre  
Escravizado e inludido  
Cum o ôro, a prata, o cobre,  
Numa ganança danada,  
Botando a canga pesada  
Sobre o cangote do pobre.

Vi mutos farso patrão  
No seu papé de usuraro  
Se escondê e fazê questão  
Mode não pagá salaro;  
Na mais nojenta baxeza,  
Amontoando riqueza  
Cum o suó do operaro.

Vi muntos adevogado  
Cum deproma de doto,  
Desonrando o seus ané,  
Fazendo crime de horrô.  
Fazendo defesa injusta  
Cronta a lei do Sarvadô,  
Quanto mais desgraça eu via,  
Mas meu coração sentia.  
Mas porém o farso tempo,

Sem ligar estas narquia,  
Sem ligar estas misera,  
Pra frente me conduzia  
E eu vi que tava socado  
Na maió patifaria  
De um mundo bem deferente  
Daquele mundo inocente,  
Onde inocente eu vivia.  
Depois da minha inocença  
Cumeço minha sentença.

Mas porém o cundutô,  
O tempo, o grande ladrão,  
Me agradou e me consolou,  
Cum a sua adulação,  
Formou bucha de esperança,  
Formou bucha de ilusão,  
Cum bucha de inspingarda  
Que a gente faz cum a mão  
E vendo que eu era um tolo,  
Socou no meu coração.

Eu vinha sendo inganado,  
Mas fiquei munto animado  
Cum aquela operação  
E o tempo sempre dizendo:  
- Vai havêr fada e condão,  
Seu negoço é mais na frente,  
Você vai ver se é ou não.  
E me levou para a frente,  
Preso na sua corrente.

Depois desta coisa toda  
Que pra mim ele falou,  
Pra mais mió me inludi,  
Me deu força e deu vigô,  
Corage pra trabaiá  
Sem temê frio nem calo,  
Falou de moça bonita,  
Me deu premeça de amo,  
Dizendo que eu ia te  
Um palhaço incantadô  
E eu cum o peito ansioso,  
Dando crença ao mintiroso.

Fui andando, fui andando  
Nas orde do cundutô,  
Cunfiado nas promessa,

Cunfiado nos favô,  
 Esperei cum paciência,  
 Porém nada me chegou.  
 Foi quando eu vi que ele tava  
 Sendo um grande enganado  
 Pois toda a minha alegria,  
 Todo o prazê que eu sentia  
 Tinha mistura de dô.  
 Depois que eu descobri tudo  
 O tempo desconfiou,  
 Foi me levando pra frente  
 Cumo quem leva um doente.

Numa das curva da estrada,  
 Da estrada da sujeição,  
 O tempo, mode prova  
 Qui é mesmo um grande ladrão,  
 Cumeçou a me tratar  
 Cum a cara de lião,  
 Não me dava mais promessa  
 Nem fazia adulação,  
 Robou a minha esperança,  
 Robou a minha inlusão  
 E cumo se eu fosse um cano  
 Fez bucha de dísingano,  
 Socou no meu coração.

Inté meu cabelo preto,  
 Dando boa imitação  
 Da cô de pena briosa  
 Da graúna do sertão,  
 Ele desmantelou todo,  
 Fazendo transformação,  
 Que hoje in dia  
 Sente logo uma impressão  
 Que eu trago in minha cabeça  
 Uma pasta de argudão.  
 A grande barbaridade  
 É de causar piedade.

E além dessa safadage  
 Que o tempo ingrato me fez  
 Dêrne quando ele me viu  
 No mundo a premera vez,  
 Do segundo, dos minuto  
 Das hora, dos dia e mês,  
 Ele ia formando os ano  
 E sem usá de acanhes,

De toda aquela bagage,  
 Cum a sua estupidez,  
 Ia fazendo os pacote  
 E atrependo in meu cangote.  
 Cum esta carga pesada  
 Vou seguindo a minha estrada.

Tempo ingrato, nós já tamo  
 Quage no fim do caminho,  
 Neste monte de tristeza,  
 Sem saúde e sem carinho,  
 Topando in ponta de pedra,  
 Pisando in riba do ispinho.  
 Depois de tanta martiro,  
 Já neste estado misquinho  
 Rensponda, meu farso amigo:  
 O qui vai fazê comigo?

Sim! Tempo ingrato, eu já sei  
 Quá é a sua intenção,  
 Cum certeza, você fez  
 Incumenda de tristeza,  
 De vela pra minha mão,  
 Pano pra minha mortaia,  
 Madêra pro meu caxão!

Mode o inzempro de Jesus  
 Na sua Morte e Paxão,  
 Tempo ingrato, eu lhe discurpo.  
 Eu vou lhe dá o meu perdão,  
 Mas, porém, eu não lhe nego  
 Eu lhe digo com razão:  
 Você é o maió ladrão  
 De riba do nosso chão!